

**SERÁPIS NOS CONFINS DO IMPÉRIO
O COMPLEXO SAGRADO DE PANÓIAS**

Coordenadores:
Rogério Sousa
João Ribeiro da Silva

**SERÁPIS NOS CONFINS DO IMPÉRIO
O COMPLEXO SAGRADO DE PANÓIAS**

Coordenadores:
Rogério Sousa
João Ribeiro da Silva

FICHA TÉCNICA DA EXPOSIÇÃO

SERÁPIS NOS CONFINS DO IMPÉRIO:
O COMPLEXO SAGRADO DE PANÓIAS

Organização CITCEM

Museu da Vila Velha

Comissão Científica

João Ribeiro da Silva

Museu da Vila Velha

Museu de Arqueologia e Numismática de Vila Real

Lúis Manuel de Araújo

Universidade de Lisboa

Centro de História da Universidade de Lisboa

Maria do Carmo Serén

Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória

Rogério Sousa

Instituto Superior de Ciências da Saúde – Norte

Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória

Consultores

Amílcar Guerra

Universidade de Lisboa

UNIARQ

Cláudia Teixeira

Universidade de Évora

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

Centro de História da Universidade de Lisboa

José das Candeias Sales

Universidade Aberta

Centro de História da Universidade de Lisboa

Nuno Simões Rodrigues

Universidade de Lisboa

Centro de História da Universidade de Lisboa

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da

Universidade de Coimbra

Rui Morais

Universidade do Minho

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da

Universidade de Coimbra

Sara Rodrigues

Universidade de Lisboa

Telo Ferreira Canhão

Centro de História da Universidade de Lisboa

Desenhos

Rogério Sousa

Fotografia

João Ribeiro da Silva

Direcção-Geral do Património Cultural

Direcção Regional de Cultura do Norte

Maquete

Manuel Gaspar Maquetes

Museografia/Design gráfico

Culturval, E. E. M.

Apoios

Direcção-Geral do Património Cultural

Direcção Regional de Cultura do Norte

Museu Calouste Gulbenkian

Museu D. Diogo de Sousa

Museu Nacional de Arqueologia

Santuário de Panóias

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

João Ribeiro da Silva e Rogério Sousa

O CULTO DE SERÁPIS: ORIGEM E DIFUSÃO

1. Antes de Serápis: o deus das origens

Rogério Sousa

2. Motivações e valências ideológicas do culto alexandrino de Serápis

José das Candeias Sales

3. O *Serapeum* de Alexandria: um santuário multicultural para um deus universal

Rogério Sousa

4. Difusão do culto de Serápis no mundo Greco-Romano

Nuno Simões Rodrigues

5. O culto de Serápis na Península Ibérica

Sara Rodrigues

O COMPLEXO SAGRADO DE PANÓIAS

6. O sagrado dos inícios

Maria do Carmo Serén

7. O sítio arqueológico de Panóias

Rogério Sousa

8. O senador Calpúrnio Rufino e o santuário de Panóias

Amílcar Guerra

9. Panóias: um santuário multicultural

Rogério Sousa

BIBLIOGRAFIA

7

9

10

20

27

35

47

57

58

67

83

88

108

reais da dinastia lágida ao casal divino Serápis-Ísis como modelo concorreu fortemente para ampliar os aspectos místicos inerentes ao poder real³⁹. Os méritos e as qualidades evidenciadas por aquele passaram a ser reivindicados e proclamados por este. Serápis e Ísis são as únicas divindades nomeadas especificamente juntamente com o rei e a rainha. Serápis e Ísis são, no plano mitológico, «deuses salvadores» (*theoi soteres*). O carácter soteriológico de ambas as divindades (sustentação da vida no Aquém e no Além) apresenta-se, igualmente, como um excelente paradigma para as demonstrações do poder e do carisma pessoal dos soberanos.

Tal como o culto aos soberanos divinizados da dinastia ptolemaica, o culto de Serápis e de Ísis, a sua companheira originária do Egipto, reforçava as relações do soberano com a população, aqui entendido no seu sentido mais amplo e abrangente, transcultural. As novas formas de religiosidade eram fruto de uma expressa vontade e intenção política. A veneração de Serápis pelos populares comporta em si, igualmente, por arrastamento, uma dimensão de lealdade à Casa Real⁴⁰.

Por tudo isto, o culto de Serápis tem de ser interpretado à luz desta caleidoscópica multiplicidade de aspectos (harmonização intercultural, reorganização das memórias religioso-culturais e protecção à Casa Real lágida) que nele convergem e que dele divergem. A sua criação foi o mais importante contributo feito pela política religiosa dos Ptolemeus para a história geral da religião⁴¹.

O sucesso do novo deus no encontro — não na fusão ou osmose — cultural e civilizacional das po-

pulações urbanas de Alexandria resultou do respeito pelos seus caracteres multiculturais e favoreceu simultaneamente a preservação das memórias e das identidades das duas culturas e a nova dimensão social nascida da sua inevitável coexistência. A dupla *facies* da divindade satisfazia imigrantes e nativos e permitia ao poder político manter a sua hegemonia de decisão sobre a vida colectiva.



Fig. 8 – Representação de Serápis acompanhado de Cérbero.

39 ARROYO DE LA FUENTE, 1991: 157-174; MANNING, 2010: 61.

40 CF SALES, 2005: 126-129.

41 CF HÖLBL, 2001: 310.

BUSTOS DE SERÁPIS

O caso mais relevante da justaposição religiosa ocorrida na Época Helenística deu-se com o deus Serápis, divindade tutelar da cidade de Alexandria criada pelos primeiros Ptolemeus, que, sob iconografia helénica, congregava a essência teológica egípcia.

Na nova divindade inventada pelos macedónicos governantes do Egipto convergiam traços do antigo touro egípcio Ápis que, ao morrer, se assimilava a Osíris, bem como semelhanças físicas, qualidades e poderes dos deuses gregos Zeus, Hélio, Dioniso, Hades, Poséidon e Asclépio. Os deuses solares Zeus e Hélio e também Poséidon conferiam-lhe os importantes aspectos de soberania que um deus tutelar de uma cidade devia ostentar. De Dioniso, Ápis e Osíris recebia os vectores de fertilidade agrícola do mundo natural. Hades, Asclépio e também Osíris forneciam-lhe os elementos funerários, associados à vida no Além, à medicina e à magia. Serápis reunia, portanto, consistentes caracteres ctónicos e solares, presentes nos plasmats culturais das populações helénicas e egípcias.

Os bustos do MNA correspondem, no fundo, à representação iconográfico-cultural típica de Serápis: na aparência, um homem maduro com farta barba frisada, bigode e longos cabelos encaracolados (com cinco mechas no alto da fronte), vestindo uma típica túnica helenística plissada (*chiton*) e um manto (*himation*) e usando na cabeça um *modius* (cesto ou vaso semelhante a um moderno vaso de flores, usado como medida de cereais), também chamado *calathos*, como símbolo da prosperidade e fertilidade agrícola, o que faz dele uma divindade dispensadora da abundância.

Embora as figuras do MNA não se insiram nesse tipo, o deus Serápis era também, por vezes, figurado com a cabeça rodeada de brilhantes raios solares, evocando, nesse caso, a sua assimilação a Hélio. Há também testemunhos iconográficos em que aparece sentado, segurando um cetro numa mão e pousando a outra sobre a cabeça de um monstro tricefalo (assimilação do cão Cerberus, guardião do Inferno). Esta figuração faz dele também o senhor do tempo e da eternidade. ■ José das Candeias Sales



Fig. 9 – Busto de Serápis
Bronze
Época Baixa
4,9 x 3,2 cm
Museu Nacional de Arqueologia
(E 365)
Fotografia: DGPC / DDF, 7613.
Fotógrafo: José Rubio



Fig. 10 – Busto de Serápis
Terracota
Época greco-romana
5,6 x 3,7 cm
Museu Nacional de Arqueologia
(E 448)
Fotografia: DGPC / DDF, 7346.
Fotógrafo: José Rubio